

a céu aberto.  
controles, direitos, seguranças,  
penalizações e liberdades<sup>1</sup>

*acácio augusto, luíza uehara & thiago rodrigues*

**Prólogo**

Gus:

“Eu não sei quem fez você enxergar  
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos  
Ter pele ter carne ter ossos  
Ter altura ter largura  
Ter o interior ter o exterior  
Ter um lado o outro a frente os fundos  
Em cima em baixo  
Enxergar  
Como é que você consegue enxergar  
E ouvir vozes?”<sup>2</sup>

*Acácio Augusto é pesquisador no Nu-Sol, no projeto temático FAPESP Ecolítica e doutor em Ciências Sociais pela PUC-SP. Contato: estadoalterado@yahoo.com.br. Luíza Uehara é pesquisadora no Nu-Sol, no projeto temático FAPESP Ecolítica e doutoranda em Ciências Sociais no Programa de Estudos Pós-graduados em Ciências Sociais da PUC-SP. Contato: luiza.uehara@gmail.com. Thiago Rodrigues é pesquisador no Nu-Sol, no projeto temático FAPESP Ecolítica, doutor em Ciências Sociais (Relações Internacionais) pela PUC-SP e professor no Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais da Universidade Federal Fluminense (UFF). Contato: th.rodrigues@gmail.com.*

Salete:

“Eu não sei quem fez você enxergar  
Cheirar pagar cantar pesar ter cabelos  
Ter pele ter carne ter ossos  
Ter altura ter largura  
Ter o interior ter o exterior  
Ter um lado o outro a frente os fundos  
Em cima em baixo  
Enxergar  
Como é que você consegue enxergar  
E ouvir vozes?”<sup>3</sup>

Todos:

Ouvir vozes.

Ricardo:

“Não existe diferença de fundo entre dizer que alguém está em perigo e que alguém é perigoso”<sup>4</sup>.

Acácio:

Lembre-se dos loucos: eram trancafiados por serem um perigo para si e para os outros. Um perigo para a própria vida e para a sociedade.

Gus:

“Eu, [Antonin Artaud] uma vez marcado, torna-se cidadão, habitante, cultivado, sim, cultivado, lavrado: eu tenho uma valeta traçada no meu corpo que repete na sua chaga a lei, a fórmula inexorável ‘tu deves’. Passei pela máquina cultural, horripilante trituradora de singularidades. Estou marcado como todos os outros, e se carrego uma marca a mais,

Gus, Salete, Acácio e Ricardo:

ela é apenas o traço de minha rebelião”.

Todos:

“o traço de minha rebelião”<sup>5</sup>.

A céu aberto...

## **Cena 1: um colibri**

Lili:

“Como regressaria à Terra depois de morto?”

Sofia:

Um colibri, o menor dos pássaros, cujo peso [...] não ultrapassa dois gramas [...]

Lili:

Qual a sua ideia de felicidade perfeita? [...]

Sofia:

Minha felicidade imperfeita é estar com meu filho e que ele esteja bem. A felicidade perfeita ou sua busca engendra imobilidade ou campos de concentração [...]

Lili:

Qual é a manifestação mais clara de miséria?

Sofia:

Crianças que morrem de fome, crianças que morrem por enfermidades fáceis de serem combatidas [...], crianças obrigadas a trabalhar, crianças violentadas pelos pais. Estas são as manifestações mais claras de nossa miséria [...] Isto e Auschwitz”<sup>6</sup>.

## **Cena 2: o grande Castelo**

Gus:

“A palavra Ungeziefer [...] com que os nazistas iriam designar os detidos nos campos de concentração, é a mesma que [Franz] Kafka utiliza para designar aquilo em que se transformou Gregor Samsa certa manhã ao despertar [de sonhos intranquilos].

Salete:

[Em meados de 1909, Adolf Hitler, o desertor insignificante e grotesco, falou a Franz Kafka em um Café de Praga

sobre a sua] ‘utopia atroz de um mundo transformado em uma imensa colônia penal’.

Helena:

E Kafka [ficou atento para isso].

Flávia:

Ach[ou] que [era] possível que os projetos impossíveis atroz[es] daquele homenzinho ridículo e famélico se realiz[ass]em e que o mundo se transform[ass]e naquilo que as palavras estavam construindo:

Bia:

o Castelo da Ordem e da Cruz gamada”<sup>7</sup>.

### **Cena 3: a cidade devastada e o extermínio**

Mayara:

Triagem em Praga:

Joana:

“Dados pessoais foram registrados, questionários distribuídos e os documentos de identidade marcados com o carimbo EVACUADO ou GUETIZADO.

Bia:

Os oficiais alemães e seus ajudantes tchecos e judeus, corriam atarefados de lá para cá, e sobravam gritos, insultos e também bordoadas.

Sofia:

Quem estava de partida tinha de permanecer no lugar que lhe era designado.

Lili:

A maioria estava calada, alguns choravam baixinho, mas rompantes de desespero, berros altos e acessos de raiva não eram raros.

A céu aberto...

Acácio:

Durante vários dias eles permaneceram nesses galpões do Palácio das Feiras”<sup>8</sup>.

Gus:

Antes disso, em 4 de julho de 1939, um decreto suplementar à Lei de Cidadania do nacional-socialismo estimulava a emigração de alemães judeus por meio do REICHSVEREINIGUNG DER JUDEN IN DEUTCHLAND (Conselho de Judeus), cujo objetivo era cumprir ordens de superiores alemães relativas à vida e morte em suas respectivas comunidades.

Ricardo:

Anos mais tarde, este conselho foi instituído nos guetos e campos de concentração, dentro e fora da Alemanha, para decidir quem trabalhava e onde, e quem seria deportado para os campos de extermínio.

Joana:

O direito de quem deve viver e quem deve morrer se exercia pelo governo do Estado, as SS e o Conselho de Judeus nos campos de concentração.

Lili:

“É noite e tudo está claro.

Sofia:

Os homens voltaram do trabalho e nas pequenas casas, onde as luzes vão se apagando, ainda resta um cheiro bom da janta, apesar do cheiro um pouco forte de repolho.

Helena:

A noite cai sobre Lídice.

Sofia:

Os habitantes se deitam cedo, pois amanhã, como sempre, terão de madrugar para ir à mina ou à fábrica.

Lili:

Mineiros e metalúrgicos já dormem quando um ruído distante de motores em marcha se faz ouvir. O ruído se aproxima lentamente.

Salete:

Caminhões cobertos de toldos avançam em fila indiana no silêncio do campo. Então os motores silenciam. Sucodem-se ruídos breves e secos. [...]

Flávia:

Sombras negras se espalham por toda parte na aldeia. Depois, quando as silhuetas se aglutinam em grupos compactos e cada uma encontrou sua posição, o ruído cresce.

Salete:

Uma voz humana rasga a noite. É uma ordem bradada em alemão. E a ação começa.

Sofia:

Os habitantes de Lídice, arrancados do sono, não compreendem o que lhes acontece, ou compreendem bem demais.

Lili:

Tirados da cama e de suas casas a coronhadas, todos são reunidos na praça da aldeia, diante da igreja. Cerca de quinhentos homens, mulheres e crianças, vestidos às pressas, veem-se cercados por homens em uniformes da Schutzpolizei, uma das polícias nazistas.

Mayara:

Aturdidos e aterrorizados, não podem saber que se trata de uma unidade mandada vir especialmente [...]. Mas já sabem que amanhã ninguém irá ao trabalho.

Sofia:

Os alemães começam ao que em breve será sua ocupação favorita: fazer uma triagem.

A céu aberto...

Bia:

Mulheres e crianças são encerradas na escola. Os homens são conduzidos a uma propriedade rural e amontoados em um porão. E tem início a espera interminável, a angústia absoluta que devora os rostos.

Lili:

No interior da escola as crianças choram. Na rua, os alemães entregam-se à violência, destroem, saqueiam, de maneira conscienciosa e frenética, cada uma das oitenta e seis casas e todos prédios públicos, inclusive a igreja.

Flávia:

Os livros e os quadros, julgados inúteis, são atirados pelas janelas, empilhados na praça e queimados.

Mayara:

Às cinco da manhã, [os soldados] [...] voltam para buscar os habitantes. [Que serão levados aos campos].

Helena:

[...] [Eles] veem o espetáculo de sua aldeia em completa desordem e os policiais continuam a correr por toda parte e a levar tudo que podem.

Salete:

As mulheres e crianças são embarcadas em caminhões que tomam a direção de Kadno, a cidade vizinha. Para as mulheres, é uma etapa antes [do campo de concentração] de Revensbrück. As crianças serão separadas das mães e afixadas a gás, [nos campos de extermínio], com exceção de um punhado delas julgadas aptas à germanização, que serão adotadas por famílias alemãs.

Sofia:

Os homens são reunidos diante de um muro coberto de colchões. O mais jovem tem quinze anos, o mais velho, oitenta e quatro. Cinco deles são alinhados e fuzilados.

Depois outros cinco, e assim sucessivamente. Os colchões servem para que as balas não ricocheteiem. [...]

Lili:

Até os cães são abatidos, [...]

Sofia:

Mas não é tudo.

Lili:

Tratores são enviados para limpar as ruínas. Não deve restar vestígio nenhum, nem mesmo da localização da aldeia.

Salete:

O cemitério é profanado, as hortas são reviradas, todas as construções são incendiadas e lança-se sal na terra para ter certeza de que nada brotará”<sup>9</sup>.

Sofia:

Lídice serviu de decalque catártico simbólico para a sede de vingança de Hitler.

Lili:

Diante da incapacidade do terceiro Reich em descobrir o paradeiro dos autores do atentado que levou à morte Reinhard Heydrich, então chefe da SS, a ordem foi riscar Lídice do mapa.

Todos:

Riscar do mapa.

#### **Cena 4: nações**

Ricardo:

“[O século XX] é o primeiro sem terra incógnita, sem fronteiras. Nacionalidade é o princípio mais importante do [...] ‘governo’. [...] Nenhum centímetro quadrado da terra está livre da polícia. [...]

A céu aberto...

Joana:

[O mapa é uma abstração], porque não pode cobrir a Terra com a precisão 1:1. [...] Imensidões embutidas e escondidas escapam da fita métrica.

Bia:

O mapa não é exato, o mapa não pode ser exato”<sup>10</sup>.

Sofia:

“Estamos todos presos em campos de concentração chamados nações. Somos forçados a obedecer a leis que não consentimos e a pagar impostos exorbitantes para manter as prisões nas quais somos confinados”<sup>11</sup>.

Gus:

Assim foi no século XX e, no século XXI: seguimos todos presos.

Sofia:

Menino, você quer viajar? Perfeitamente... Precisa de passaporte. Fácil! Apresente: certificado de reservista, comprovante de voto nas últimas eleições, residência fixa, ficha criminal zerada e o CPF regularizado.

Ricardo:

É a cidadania cosmopolita!

Gus, Acácio e Salete:

Sob controles elasticados a cidadania cosmopolita nos mantém presos às obrigações colocadas pelo Estado. E o Estado é a categoria do entendimento.

## **Cena 5: o controle em trânsito**

Lili:

Tem gente que viaja autorizado. Tem gente que é paga para viajar. Tem gente que paga para viajar. Tem gente que se desloca, e contingentes que são deslocados.

Mayara:

Tem gente que é traficada. Tem gente que tem papel. Tem gente que é sem papel. Tem refugiado. Tem imigrante legal e ilegal. Tem turista. Tem estudantes buscando certificados.

Flávia:

Controlados em trânsito.

Joana:

Tem visto de viagem. Tem controle de aduana. Tem polícia de fronteiras, tem coioote nas fronteiras. Tem campo de concentração para imigrantes. Acordos internacionais contra determinados imigrantes.

Lili:

Tem grana de país rico pagando polícia de país pobre. Tem polícia da nação, tem polícia do planeta, tem polícia na cidade e tem polícia da vida. Polícias.

## **Cena 6: campos de concentração a céu aberto**

Gus:

“Vivemos sob o governo das polícias. Polícia dos costumes na casa, no prédio, no bairro, na favela, no beco, gueto, bi-boca e viela.

Flávia:

Polícia dos programas de computadores, dos sites de relacionamento, dos protetores de tela e de arquivos, dos e-mails suspeitos e suspensos.

Helena:

Polícia das violações institucionais, polícia da polícia, dos desrespeitos aos direitos e das aplicações de exceções governamentais.

A céu aberto...

Mayara:

Polícia que porta arma, mouse, telefone celular, escutas de satélites, câmeras escondidas e conversas de coxia.

Acácio:

Polícia das ruas e polícia dos planetas, que governam vidas encarceradas nos campos de concentração a céu aberto”<sup>12</sup>.  
“Não há Estado de Direito sem uma enorme produção de miséria”<sup>13</sup>.

Todos:

UPPs; CEUs; programas de segurança; controle de vulnerabilidade; difusão da cultura de paz e da qualidade de vida; regulamentos sobre desmatamentos e queimadas; demarcação de terras para indígenas, sem-terra e quilombolas; bolsa isso e aquilo; reforma agrária e urbana. Participação contínua de todos, monitorados.

Helena:

“A sociedade de controle atua sobre campos de concentração de pessoas, recursos naturais ou santuários ecológicos. Ela é governada do espaço sideral”<sup>14</sup>.

Acácio:

“A cidade é uma comunidade civilizada e organizada; sem a cidade as leis não têm utilidade; logo, a lei é a civilização”<sup>15</sup>.

Todos:

A lei é a civilização.

Acácio:

É exigido melhorar as coisas para a futura geração. É preciso manter as assimetrias com direito a ter identidades diferentes.

## Cena 7: Afundado na noite

Sofia:

“Afundado na noite. Como alguém que às vezes abaixa a cabeça para meditar, totalmente afundado na noite. Em torno, as pessoas dormem.

Salete:

E você vigia, é um dos vigias, descobre o mais próximo pela agitação da madeira em brasa no monte de galhos secos ao seu lado.

Sofia:

Por que você vigia?

Salete:

Alguém precisa vigiar, é o que dizem. Alguém precisa estar aí”<sup>16</sup>.

Bia:

“Eu não fumo. Nunca fumei [...]. Recuso-me a ser o bom exemplo. Recuso-me a ser rotulada de fumante passiva, vítima da nicotina de intemperantes viciados. Recuso que legisladores falem e decidam em nome da saúde do meu corpo. Recuso-me a ser colocada sob tutela dessa lei e protegido contra alegados perigos da fumaça alheia. Minha liberdade não começa quando acaba a liberdade de outro, mas se expande com a liberdade de alguns, com ou sem fumaça. O que me interessa é o fogo”<sup>17</sup>.

## Cena 8: pastores

Todos:

“Vai, vai ser, sim.

Acácio:

Neste ano que está entrando, Jesus vai botar muito dinheiro no seu negócio, mas só se os seus investimentos foi in-

A céu aberto...

vestido no Reino do Senhor, se você colocou os seus bens ao dispor do Senhor Jesus, que nem o Jogador de Cristo e a mulher dele fez, porque eles casou virgens e sempre investiu no Reino do Senhor Deus todos os seus bens. [...]

Todos:

Vai, vai ser, sim.

Lili:

Mas você também tem que fazer a sua parte e fazer xixi no ralo do chuveiro, na hora que estiver tomando banho, que é para não desperdiçar água puxando a descarga da privada, e assim preservar o meio ambiente que está em suas mãos, que também não é para ficar tomando banho demais, não, gastando água do meio ambiente que tem que ser preservado pros nossos filhos e netos. Se cada um fizer sua parte o meio ambiente vai ser bom. [...]

Todos:

Vai, vai ser, sim.

Acácio:

Um futuro maravilhoso para o Brasil e para você, que mesmo nos momentos difíceis jamais deixou de acreditar, nunca desistiu de alcançar seus objetivos. [...] Consuma produto nacional, vamos bater os pés, vamos bater as mãos. [...]

Todos:

Vai, vai ser, sim.

Lili:

E também a nível internacional. Basta que todos juntos de mãos dadas, unidos num só ideal, façamos a nossa parte, e assim, possamos construir um mundo melhor para nossos filhos e netos no futuro<sup>18</sup>. “O jeito mais simples de fazer a vontade de Deus é não fazendo a sua”<sup>19</sup>.

## **Cena 9: empoderadas**

Bia:

“Princípios de empoderamento das mulheres [, segundo a ONU Mulheres]: igualdade significa negócios.

Flávia:

1. Estabelecer liderança corporativa de alto nível para a igualdade de gênero.

Mayara:

2. Tratar mulheres e homens de forma justa no trabalho – respeitar e apoiar os direitos humanos e a não discriminação.

Helena:

3. Garantir saúde, segurança e bem-estar das trabalhadoras e trabalhadores.

Joana:

4. Promover a educação, a capacitação e desenvolvimento profissional das mulheres.

Sofia:

5. Apoiar o empreendedorismo de mulheres e promover políticas de empoderamento das mulheres através das cadeias de fornecedores e de comunicação e marketing.

Salette:

6. Promover a igualdade por meio de iniciativas voltadas às comunidades e do engajamento social.

Acácio:

7. Medir, documentar e publicar os progressos da empresa na promoção da igualdade de gênero.

A céu aberto...

Lili:

Fundamentados em práticas empresariais concretas, os Princípios ajudam as empresas a adaptar as políticas e práticas existentes – ou a estabelecer outras novas e necessárias – para concretizar o empoderamento das mulheres”<sup>20</sup>.  
Gente se transformando em capital humano com protagonismo social.

### **Cena 10: sobre os ODM nos dias que correm**

Flávia:

Boa noite! Vamos conversar com atenção com o excelentíssimo secretário geral da ONU e sua secretária, sobre os Objetivos do Milênio (ODM) e a revisão de nossas metas para o futuro:

Ricardo:

“Todos nós compartilhamos da responsabilidade de promover o desenvolvimento sustentável equitativo. Temos que agir em conjunto e intensificar os nossos esforços.

Lili:

[Querido secretário,] de acordo com o [meu] relatório, o mundo já atingiu algumas metas como a redução da pobreza, o aumento do acesso às fontes aprimoradas de água potável, a melhoria de vida dos moradores das favelas e o alcance da paridade de gênero no ensino primário.

Ricardo:

‘Os ODMs têm ajudado a unir, inspirar e transformar [por meio da] ação conjunta com os governos, [com] a comunidade internacional civil e [com] o setor privado’.

Lili:

[Sabemos que há desequilíbrios, mas eles devem ser] tratados por meio de intervenções mais ousadas e mais focadas. [Sabemos que] algumas metas não serão cumpridas,

inclusive em áreas importantes, como o parto, a mortalidade materna, a educação universal e a sustentabilidade ambiental.

Ricardo:

Em particular, nós devemos agir urgentemente para limitar o aumento da temperatura global e reforçar a resiliência aos impactos climáticos.

Flávia:

[Quais serão os próximos passos para melhorar nosso futuro?

Mayara:

Primeiramente temos de atualizar: estabelecer novas metas. É preciso construir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável aos moldes dos ODMs.]

Ricardo:

Nosso objetivo pós-2015 deve focar em não deixar ninguém para trás. [...] Combater a crescente desigualdade em países ricos e pobres, tornou-se um desafio que define a nossa época. A nova agenda terá como base os ODMs e irá completar os negócios inacabados e responder a novos desafios. Ela também será universal, o que é fundamental para o futuro da humanidade”<sup>21</sup>.

## **Cena 11: nas águas e terras das amazonas**

Todos:

Numa manhã de fevereiro de 1500,

Helena, Bia, Joana, Salete, Sofia, Mayara e Flávia:

[Nós já tínhamos nosso primeiro sutiã.]

Helena:

quatro caravelas comandadas pelo espanhol Vicente Yáñez Pinzón alcançaram águas de diferente cor e fluidez. Intrigado, o capitão ordenou que colhessem um pouco dessa es-tranha água. Lançaram uma tina e dela provaram. Era doce.

A céu aberto...

Salete:

Água doce numa imensidão. Doce como água de rio. Vasta como água de mar.

Joana:

Os marujos ficaram atônitos. Já andavam admirados com as notícias de terras maravilhosas, com bestas incríveis e seres fantasmais. E, agora, um mar doce...

Mayara:

Diziam que ali, em terras banhadas pelo Mar Dulce, viviam mulheres-guerreiras, em repúblicas sem homens. Guerreiras como as amazonas da antiga Grécia!

Joana:

Havia povoados “onde as mulheres eram rainhas ou ‘cacicas’ e senhoras absolutas [...] neles mandavam e governavam”<sup>22</sup>.

Helena:

Uma dessas ‘cacicas’ era Orocomay. Ela “só se servia de mulheres [, e no seu povoado não] viviam homens, senão os que ela mandava chamar para que trabalhassem em algo ou para que fossem à guerra”<sup>23</sup>.

Joana:

As amazonas selvagens recebiam “rapazes quatro meses por ano. [...] [que] ficavam casados com elas apenas por esse tempo [...] dedicando-se a lhes servir e a satisfazer o que elas ordenavam. [...] À noite, elas lhes davam seus corpos e camas.

Mayara:

[...] Passado esse tempo, os homens iam embora, deixando [as amazonas] prenhes. Se nascessem meninos, elas lhes mandavam para viver com os pais. Se nascessem meninas, ficavam com elas para aumentar a república”<sup>24</sup>.

Helena:

Quando os espanhóis quiseram ocupar suas terras, um dos conquistadores chamado Cristóbal de Oñate requereu aos seus superiores a

Gus:

“mercê daquela missão de pacificação das amazonas”<sup>25</sup>.

Helena:

Foi autorizado, mas ferido gravemente por índios bravios, não pôde passar.

Salete:

Assim contou a primeira das crônicas da conquista europeia nas Américas. Entre a fantasia, o pecado, o gozo e a violência os colonizadores descreviam e justificavam a sujeição de povos exóticos. Os índios arredios, negando a fé e as correntes, foram sujeitados ou eliminados. A isso os europeus chamaram de pacificação.

## **Cena 12: olhos & sobrolhos**

Bia:

Em 2002, entrou em operação o Sistema de Vigilância da Amazônia, SIVAM. Parte do Sistema de Proteção da Amazônia, SIPAM, o SIVAM é uma rede integrada de computadores, radares móveis, satélites e aviões-radar para o monitoramento da Amazônia brasileira.

Ricardo:

Controle ininterrupto do solo, rios, leitos de rios e subsolo amazônicos, tanto para fins militares, quanto civis.

Acácio:

Os dados do SIVAM geram “informações meteorológicas, permitem a comunicação com unidades do IBAMA, da FUNAI, da Polícia Federal e da defesa civil em caso de calamidades”<sup>26</sup>.

A céu aberto...

Gus:

Produzem “informações sobre a cobertura vegetal, a hidrologia, os ecossistemas, o uso e a ocupação dos espaços.

Ricardo:

[Permitem lançar] alertas de desmatamentos, focos de calor, enchentes, poluição, endemias e epidemias. [Proporcionam a elaboração de] análises precisas [para orientar a formulação de] políticas públicas”<sup>27</sup>.

Bia:

E no campo da segurança, monitoram voos, a navegação pelos rios, localizam pistas clandestinas, garimpos ilegais e áreas de desmatamento.

Gus:

O SIVAM é um programa de controle. Da superfície, do subsolo, das pessoas, das fronteiras atravessadas por fluxos e ilegalismos. O SIVAM é um programa de segurança,

Bia:

que se articula ao novo Sistema Integrado de Monitoramento das Fronteiras do exército, SISFRON, para vasculhar imensidões territoriais reivindicadas pela soberania estatal.

Acácio:

Os programas de monitoramento da força aérea se conectam com os do exército e da Polícia Federal: satélites, radares e drones.

Lili:

Espiando.

Mayara:

Gravando.

Lili:

Assistindo.

Mayara:  
Você!

### **Cena 13: resilientes empreendedores de si**

Gus:  
“Não existe diferença de fundo entre dizer que alguém está em perigo e que alguém é perigoso”<sup>28</sup>?

Bia:  
O resiliente não resiste, não transforma, não luta. O resiliente adapta-se ao ambiente e capitaliza vulnerabilidades, como vítima e algoz que é. Resiliência não é sinônimo de resistência.

Gus:  
É absorção do impacto e adaptação na adversidade: na física, no meio ambiente, na formação de crianças...

### **Cena 14: escola democrática**

Ricardo:  
“[Educa-se] para governar e ser governado”<sup>29</sup>, já dizia John Locke, no século XVII: é preciso escola para futuros governantes e para os eternos governados.

Sofia:  
“A escola democrática procura encontrar a tomada de decisão compartilhada entre os estudantes e professores;

Mayara:  
realizar uma abordagem centrada no aluno, em que estes escolhem suas atividades diárias;

Flávia:  
viabilizar a igualdade entre os funcionários e os estudantes;

Gus:  
e tratar a comunidade como uma extensão da sala de aula”<sup>30</sup>.

A céu aberto...

Lili:

“[Ensina-se] a responder a comandos; [...]

Joana:

sobre os corpos destes alunos não recairão os castigos físicos, mas os efeitos das técnicas de absorção do medo;

Salete:

em lugar do desacato e da rebeldia, a comprovação dos efeitos positivos da prevenção geral à sociedade: é seguindo regras e leis que se faz um bom cidadão”<sup>31</sup>.

Acácio:

“A sociedade de controle, do governo da escola ao governo do Estado, modula as instituições em função da extração de energias de cada corpo, de cada inteligência, até levar à condição de stress e a de medicalização, desde o frágil corpo moldado da criança até o restaurado esqueleto ressecado da velha.

Lili:

A sociedade de controle exige respostas rápidas, joviais e concisas a quem aspira uma ininterrupta participação”<sup>32</sup>.

Ricardo:

Forma-se o bom cidadão

Bia:

Mas bom cidadão para quem? Para ele mesmo?

Sofia:

Hoje, a escola está além e aquém dos muros. A educação é constante, continuada. A educação é para todos.

Salete:

A escola é depósito desinteressante para jovens.

Gus:

A escola é para capacitar, para profissionalizar, para parar de contestar, para inserir, para incluir. Ela nunca para.

Todos:

Essa é a pobre escola para todos. É, é assim!

### **Cena 15: a visibilidade dos novos miseráveis**

Ricardo:

“Eles estão armados, são mão-de-obra barata, às vezes melhor remunerada que a inserida no mercado legal com salário mínimo [ou refém de programas de complementação de renda como Bolsa Família, Bolsa Aluguel, Bolsa Escola].

Gus:

São novos miseráveis porque habitam o mercado ilegal e, por vezes, co-habitam o mercado legal [...]. Desejam os bens de consumo a qualquer preço”<sup>33</sup>. Com sua cidadania de consumidores dão seus rolezinhos e mostram suas ostentações. Estão sempre a favor de quem governa.

Mayara:

“Nos crimes: vê esta fotografia? É este o homem? Sim, dizem 10 testemunhas.

Helena:

A fotografia prova; a fotografia como o processo racional por excelência; a imagem substitui o  $2+2=4$ . Imagem: luz sobre papel.

Flávia:

O verdadeiro iluminismo não é, pois, o da enciclopédia ou o do grande raciocínio do cientista, a principal luz é a que forma a imagem, a fotografia, o filme:

Gus:

tudo isso é o topo do iluminismo, o grande destino do homem: a luz finalmente chegou, a luz tudo prova. É este o homem? Sim, é este: o da fotografia. [...] No século XXI: ser racional é ver”<sup>34</sup>.

A céu aberto...

## **Cena 16: sociedade de controle e abolicionismo penal**

Bia:

“Na sociedade de controle não há mais a margem, [...] todos estão dentro.

Lili:

A prisão não pretende mais devolver o encarcerado bom e obediente. [...]

Mayara:

Ela negocia sentenças no interior do sistema penal,

Salete:

entradas e saídas de parentes, celebra casamentos, rotinas domésticas, até chegar ao ponto em que permanecer preso

Lili, Mayara e Salete:

[é] uma condição segura.

Sofia:

Os reformadores do sistema penal não cessam de propor projetos de punição, disciplina e controle em fluxos. [...]

Lili:

Oscilam entre direito penal máximo e mínimo,

Mayara:

substituição de termos sentenciais em que a pena é substituída por medida,

Salete:

da proliferação de jurisprudências à prática de justiça efetiva [...]

Lili, Mayara e Salete:

negociações com tribunais são possíveis.

Gus:

Assim é que na atual sociedade de controle o conservador programa tolerância zero se transforma em políticas que absorvem liberais e socialistas, rivalizando com lutas pela defesa de direitos humanos. [...]

Acácio:

O abolicionismo penal [...] não aceita o confortável confinamento numa utopia, como pretendem seus oponentes. [...]

Salete:

O abolicionismo penal recusa elogios; ele quer ecos<sup>35</sup>.

Ricardo:

“O crime é sempre político.

Flávia:

Ele expressa a insuportável rebeldia, realiza as incontestáveis resistências, a incontrolável vontade de ter.

Lili:

O crime antes de tudo é o ato livre da criança contra a moral, insuportável a pais, adultos e superiores. [...]

Salete:

A educação, na família, na escola, nas instituições, nos locais, age para conter a ousadia da criança, que tem vontade própria.

Acácio:

Por isso mesmo, é preciso rodeá-la de lugares e de espiões do Estado, a serviço dos governos e do povo, educando e denunciando.

Lili:

Enfim, todo Estado saudável deve ser severo e estar fundado na prosperidade do homem!

Gus:

Esse é o vaivém da segurança!<sup>36</sup>.

A céu aberto...

## Cena 17: inteligência policial

Acácio:

“Pegaram dois estudantes, um era esse que foi retirar os jornais.

Gus:

Ele gostava muito de Voltaire e havia comprado as obras completas que guardava com muito carinho.

Acácio:

Quando foram na casa dele levaram tudo, livros escolares, jornais. Enquanto ele está sendo conduzido na caminhonete ele fala para o outro:

Lili:

‘Ainda bem que eu consegui salvar o Voltaire’.

Gus:

Aí o cara aponta o revólver para ele e diz:

Ricardo:

‘Dá o endereço, já! Dá o endereço!’.

Gus:

Queria que desse o endereço do Voltaire! Ignorância pura!

Acácio:

Já [para o Pietro] Ferrua quando foi preso [...] disseram:

Ricardo:

‘Pode dar a dica e começar a falar. Nós já prendemos mais de 80 e todos já abriram o bico’.

Gus:

‘Puxa, vocês conseguiram prender 80 anarquistas no Rio de Janeiro? Eu estou aqui há 10 anos e não consegui reunir 10 anarquistas. [...]’

Lili:

Essas coisas aconteciam [no tempo da ditadura civil-militar]<sup>37</sup>. E o Voltaire... Troquei pelo Bakunin.

### **Cena 18: resistências ingovernáveis e a pane na ordem.**

Gus:

Do espaço ao rés-do-chão monitoram-se condutas, governam-se lugares, distendem-se penalizações...

Lili:

Por vezes, isso é rompido pela revolta. A ordem se despeça, a violência se apresenta como mensageira da paz e a segurança vira palavra de ordem dos que temem a liberdade.

Acácio:

As ruas monitoradas tornam-se ingovernáveis.

Todos:

Como aconteceu em Seattle, Gênova, Tel Aviv, Atenas, Lisboa, Madri, Barcelona, Toronto, Santiago do Chile, Buenos Aires, Nova York, Cairo, Istambul, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte...

Gus:

“Não era apenas a afinidade política que atraía as pessoas, mas sim a mentalidade da insurreição”<sup>38</sup>.

Lili:

Para os anarquistas não se trata apenas de distúrbios ou motins de rua, mas de questionar qual vida se leva, como combater a ordem, como romper com as variadas maneiras de ser governado.

Acácio:

“Depois de mais de três anos de ação intransigente e mais de 200 ataques explosivos, seguimos acreditando que nossos

A céu aberto...

atos não são mais que uma gota frente ao imenso oceano do nosso desejo de transformação [...].

Salete:

Que rompe não apenas com o Estado, mas também com a sociedade.

Bia:

Vemos que o poder não se mantém unicamente com a violência e as ordens dos quartéis do Estado, mas também pela aceitação, reconciliação e renúncia da multidão silenciosa,

Flávia:

que aprende a ovacionar as vitórias nacionais,

Helena:

a festejar as vitórias de sua equipe de futebol,

Sofia:

a mudar de ânimo apertando o botão do controle remoto,

Joana:

a enamorar-se com escapismos de lojas e de modelos artificiais,

Ricardo:

a odiar os estrangeiros, [negros, nordestinos, índios....]

Lili:

a olhar apenas para si e fechar os olhos ante a ausência de uma vida de verdade”<sup>39</sup>.

Acácio:

“Quando a capacidade de apreensão de contestações surpreendentes [...] entra em estágio de compressão,

Gus:

os políticos profissionais buscam respostas imediatas na

criação de leis que definem como conduta criminosa certas atitudes admiráveis.

Ricardo:

Este é o limite do formalismo jurídico-político e a ameaça diante da novidade. [...]

Acácio:

A democracia representativa sabe como absorver os movimentos sociais e o quadro atual dos políticos profissionais mostra, em sua grande maioria, que eles procedem de movimentos sociais específicos ou minoritários absorvidos pelos partidos políticos e que com eles negociam. [...]

Lili:

Enfim, chega uma hora que para um tanto da população se atinge o patamar do insuportável e ela sai às ruas.

Helena:

A resposta dos governos, suas polícias e adeptos é apaciar o intolerável como suposta garantia de segurança à democracia.

Salete:

Situações mais ou menos conhecidas e análogas nos fazem recordar das Leis de Nuremberg de 1935 e seus desdobramentos atingindo judeus, ciganos, negros, loucos, numa avassaladora política de segurança, cuja utopia demarcava quem devia viver e quem devia morrer até a solução final. [...]

Gus:

As condutas fascistas permanecem vivas, habitam e ameaçam o cotidiano democrático. São vitoriosas cada vez que a democracia representativa delas se serve ao se mostrar amedrontada diante do novo e recusar compreender suas linguagens. [...]

Salete:

Em pânico, encontram-se os juramentados democratas da ordem”<sup>40</sup>.

A céu aberto...

## **Cena 19: cultura libertária**

Gus:

“Os anarquistas foram direto ao assunto. Uma sociedade livre só existe se houver uma educação libertária. [...]”

Acácio:

Educar libertariamente é uma experiência de vida que se realiza sem se apartar da política. Não é um jardim de delícias, uma sociedade secreta conspiratória, um afilivo conjunto que abarca afinidades.

Salete:

Os anarquistas têm suas afinidades porque são singulares; suas propostas são diversas na luta contra as hierarquias, coexistem sem a obrigatoriedade da tolerância.

Flávia:

Os anarquismos não pretendem paz eterna no futuro com utopia. Se queres sonhar? Sonhe. Mas, antes de mais nada, o que vale é fazer a vida no presente [...]

Bia:

Nos anarquismos há propostas individualistas e coletivistas que coexistem<sup>41</sup>, e castigos são inaceitáveis.

## **Epílogo**

Salete:

“O tempo da criança é longo e os espaços para elas são imensidões. As crianças dançam, brincam e guerreiam.”

Lili:

Pouco importa o dia e a noite, o claro e o escuro, veracidade e sonho; para elas são experimentações da vida com calor e frio.

Bia:

Então, quando cada um desses momentos estiver habitado

de significados, fantasmas, determinações, ela passará a ter ideias-fixas, começará a ser educada para a boa e bela vida. Desmorona sua liberdade!

Gus:

A liberdade das crianças não está em uma educação para uma nova moral, mas em mantê-las livres dos verdadeiros juízos dos adultos, da real consciência, do esclarecimento e dos fantasmas.

Sofia:

Nas crianças, a luminosidade no dia e na noite, no claro e no escuro, aos poucos, torna-se escuridão no dia e na noite, no claro e no escuro.

Helena:

Aí então, na modorra ou na astúcia, queimam ao sol ou vagam presas aos ventos da noite. Poderão ser biblioclastas, soldados, membros do rebanho, bons funcionários, expertos cientistas, esertinhos do momento. Não serão mais crianças.

Flávia:

E, talvez, tempos depois e bem maduros, descobrirão como surrupiaram as suas vidas e as de seus filhos; passarão a ser tolos avós formando seus netos livres como pequenos tiranos.

Acácio:

Depois de tanta morte anunciada, vivemos a era das capturas. Um dia também a sociedade morrerá. E esta história ficará conhecida como aquela que os anarquistas não temeram enfrentar. [...]

Salete:

Anarquizar não é uma conduta, é uma atitude!<sup>42</sup>.

**FIM**

A céu aberto...

## Notas

<sup>1</sup> Aula-teatro 16 do Nu-Sol. Pesquisa: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Cecília Oliveira, Edson Passetti, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Helena Wilke, Gustavo Simões, Leandro Siqueira, Lúcia Soares, Luíza Uehara, Mayara de Martini Cabeleira, Salete Oliveira, Sofia Osório e Thiago Rodrigues. Com: Acácio Augusto, Beatriz Scigliano Carneiro, Eliane K. Carvalho, Flávia Lucchesi, Gustavo Simões, Helena Wilke, Joana Egypto (convidada), Mayara de Martini Cabeleira, Ricardo Abussafy (convidado), Salete Oliveira e Sofia Osório. Produção gráfica: Andre Degenszjain. Operador de luz: Leandro Siqueira. Sonofonia: Vitor Osório (convidado). Violão e música incidental: Wander Wilson Chaves Jr. (convidado). Coordenação e ambientação: Edson Passetti.

<sup>2</sup> Stela do Patrocínio. *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Rio de Janeiro, Azougue Editorial, 2001, p. 87.

<sup>3</sup> Idem.

<sup>4</sup> Michel Foucault. “Foucault: não aos compromissos” in *Ditos e Escritos IX – Genealogia da ética, subjetividade e sexualidade*. Organização de Manoel Barros da Motta. Tradução de Abner Chiquieri. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2014, p. 174.

<sup>5</sup> Antonin Artaud. *Escritos de Antonin Artaud*. Coleção rebeldes e malditos. Tradução de Cláudio Willer. Porto Alegre, LP&M, 1983, p. 117.

<sup>6</sup> Roberto Bolaño. *Bolaño por si mismo*. Organização de Andrés Braithwaite. Santiago, Universidade Diego Portalez, 2011, pp. 47-48.

<sup>7</sup> Ricardo Piglia. *Respiração artificial*. Tradução de Heloisa Jahn. São Paulo, Companhia das Letras, 2010, p. 188.

<sup>8</sup> W. G. Sebald. *Austerlitz*. Tradução de José Marcos Macedo. São Paulo, Companhia das Letras, 2008, p. 177.

<sup>9</sup> Laurent Binet. *HHhH*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo, Companhia das Letras, 2012, pp. 303-304.

<sup>10</sup> Hakim Bey. *TAZ: zona autônoma temporária*. Tradução de Renato Rezende e Patrícia Decia. São Paulo, Conrad, 2001, pp. 21-22.

<sup>11</sup> William Burroughs in Daniel Odier. *The Job – interviews with William S. Burroughs*. New York, Penguin Books, 1974, p. 98.

<sup>12</sup> Acácio Augusto. *Política e política. Cuidados, controles e penalizações de jovens*. Rio de Janeiro, Lamparina, 2013, p. 35.

<sup>13</sup> Nu-Sol. *Hypomnemata 112*. São Paulo, Nu-Sol, agosto de 2009. Disponível em: [www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=136](http://www.nu-sol.org/hypomnemata/boletim.php?idhypom=136) (acesso em: 15/09/2014).

<sup>14</sup> Edson Passetti. *Neoliberalismo: democracia começa no mercado*. Entrevista. 2006. Disponível em: <http://www.comciencia.br/entrevistas/2005/07/entrevista2.htm> (acesso em: 15/09/2014).

<sup>15</sup> Diôgenes Laértios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução de Mario da Gama Cury. Brasília, Universidade de Brasília, 1988, p. 170.

<sup>16</sup> Franz Kafka. “À noite” in *Narrativas do espólio*. Tradução de Modesto Carone. São Paulo, Companhia das Letras, 2002, p. 114.

<sup>17</sup> Beatriz Carneiro. *Palavras-fogo*. Nu-Sol, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/agora/pdf/palavras-fogo.pdf> (acesso em: 09/09/2014).

<sup>18</sup> André Sant’anna. “O futuro vai ser bom” in *O Brasil é bom*. São Paulo, Companhia das Letras, 2014, pp. 14-16.

<sup>19</sup> Folha de São Paulo. “Jovens virgens viram tema de filme evangélico” in *Cotidiano*. São Paulo, 17/08/2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2014/08/1501497-jovens-vingens-viram-tema-de-filme-evangelico.shtml> (acesso em: 09/09/2014).

<sup>20</sup> ONU Mulheres. *Princípios de Empoderamento das Mulheres: igualdade significa negócios*. ONU, 2011. Disponível em: <http://www.unwomen.org/~media/Headquarters/Attachments/Sections/Library/Publications/2011/10/WEPS-Portuguese%20pdf.pdf> (acesso em: 09/09/2014).

<sup>21</sup> ONU Brasil. “Balanço dos Objetivos do Milênio mostra sucessos e caminhos para alcançar as metas até 2015” in *Notícias*. 09/06/2014. Disponível em <http://www.onu.org.br/balanco-dos-objetivos-do-milenio-mostra-sucessos-e-caminhos-para-alcancar-as-metas-ate-2015/> (acesso em: 15/06/2014).

<sup>22</sup> Gonzalo Fernández de Oviedo y Valdés. *Historia general y natural de las Índias*. Valladolid, 1557, pp. 220-221.

## A céu aberto...

<sup>23</sup> Idem.

<sup>24</sup> Ibidem.

<sup>25</sup> Ibidem.

<sup>26</sup> Sivam. *Cindacta IV*. Força Aérea Brasileira, 2006. Disponível em: <http://freepages.military.rootsweb.ancestry.com/~otranto/fab/sivam.htm> (acesso em 19/07/2014).

<sup>27</sup> Idem.

<sup>28</sup> Michel Foucault, 2014, op. cit., p. 174.

<sup>29</sup> Edson Passetti & Acácio Augusto. *Anarquismos e educação*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008, p. 79.

<sup>30</sup> Idem, p. 79.

<sup>31</sup> Ibidem, pp. 80-81.

<sup>32</sup> Ibidem, p. 92.

<sup>33</sup> Edson Passetti et. ali. *Violentados*. São Paulo, Imaginário, 1999, p. 26.

<sup>34</sup> Gonçalo M. Tavares. *Matteo perdeu o emprego*. Rio de Janeiro, Foz, 2013, p. 123.

<sup>35</sup> Edson Passetti. “Ensaio sobre um abolicionismo penal” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 9, 2006, pp. 83-114.

<sup>36</sup> Edson Passetti. “Fluxos libertários e segurança” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 20, 2011, pp. 63-65.

<sup>37</sup> Jaime Cubero in *Três Depoimentos Libertários*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2002. p. 142.

<sup>38</sup> Klinamen Editorial. *Maderos, cerdos, asesinos! Cronica del Diciembre Griego*. Sevilla, Publidisa, 2012, pp. 77-78.

<sup>39</sup> CCF. *La vigencia de la negación y La sóbria sinceridade de nuestras intenciones*. Atenas, Nuestronegroscomplot ediciones, 2011, pp. 308-309.

<sup>40</sup> Edson Passetti. *Invenção de liberdades e sagacidade jurídico-política*. São Paulo, Nu-Sol, 2014. Disponível em: <http://www.nu-sol.org/artigos/ArtigosView.php?id=51> (acesso em: 09/09/2014).

<sup>41</sup> Edson Passetti. “Misérias da punição” in *Anarquismos e sociedade de controle*. São Paulo, Cortez, 2003, pp. 230-234.

<sup>42</sup> Edson Passetti. “Fluxos libertários e segurança” in *verve*. São Paulo, Nu-Sol, n. 20, 2011, pp. 53-54; 61-67.

***On open sky. Controls, rights, securities, penalizations and liberties*, Acácio Augusto, Luíza Uehara & Thiago Rodrigues.**



aula-teatro 16

# a céu aberto

controles, direitos, seguranças,  
penalizações e liberdades

3 e 4 de novembro - 19h30

tucarena, puc-sp

[retirada de ingressos às 18h30]

faculdade de ciências sociais, puc-sp | programa de estudos pós-graduados em ciências sociais, puc-sp  
projeto temático fapesp - ecopolítica:  
governamentalidade planetária, novas institucionalizações e resistências na sociedade de controle